



Dr. José Ribeiro Cardoso

Distinto advogado, orador fluentíssimo e senador catholico pela Beira Baixa.

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias*—Um anno, 4\$800.  
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.  
A cobrança feita pelo correlo ou pelo entregador,  
acresce o importe das despesas.  
*Extrangeiro* — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 272

Braga, 14 de setembro de 1918

Anno VI

# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

## Successor da Veneravel Irmãdade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de maestia actual, ou habitual (pajavras textuales).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

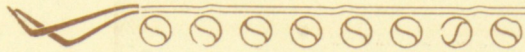
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retre-do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



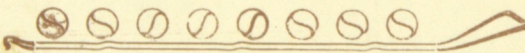
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

**Fundado em 1896**

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrução Primaria..

Vago

## Colégio Académico

GUIMARÃES

### Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais  
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e  
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

*Dr. Alfredo Peixoto*

*Luiz Gonzaga Pereira*

*P.º José Maria dos Santos*

Vago



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria, semanal, de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

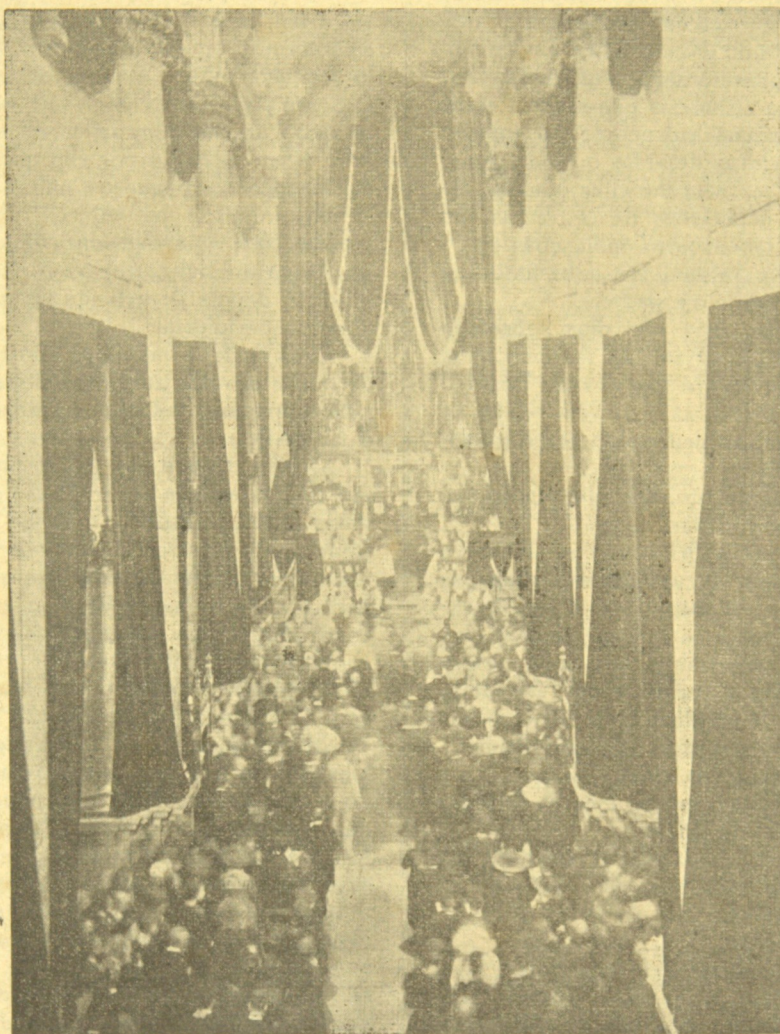
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 14 de Setembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 272—Anno VI



PORTO — Um aspecto do interior da Sé, durante as exequias por alma de D. Antonio Barroso.



Sombra d'um tumulo.



QUINZE dias passaram sobre o da morte de D. Antonio Barroso. Com as grandes figuras dá-se o inverso do que succede com o resto dos mortaes, mesmo quando a dôr de os vêr fugir estála sobre as pedras do lar em que nasceram. D. Antonio Barroso morreu ha menos de um mez, e parece que meio anno já roçou, como um vento frígido de outomno, pelo face liza da loisa do seu tumulo, no pequeno campo-sancto da linda aldeia, que elle amava tanto, e berço duas vezes lhe foi!

Se não tivesse a sua morte semelhança com o velho roble que ao tombar faz despedaçar as raizes largamente esbracejadas em redor; se em volta do seu nome evocado não andasse um doce murmurio que o chora e o soluço dos desvalidos que por pae o tinham—eu não trazia para a chronica de hoje a morte do grande Bispo. Custa muito a escrever dos grandes amigos que Deus chamou para Si! Não se sabe o que dizer. Parece que a onda da mágua entenebrece o espirito como o copioso chôro desvidra o olhar. Aqui, por mais de uma vez, sem lhe citar o nome, reproduzi rapidas impressões de conversas, ou ainda o echo de tão seguras indicações.

—O snr. D. Antonio era sobretudo um bom! dizia-me hontem um padre.

—Era um bom, mas não diga *sobretudo* porque será injustiça. O snr. D. Antonio tinha uma bondade tão bella e tão elevada como o seu talento.

—Sim?! volveu o meu amigo como espantado.

—Sim. Não lhe minte. Durante quatro annos o consultei ameudadas vezes...

Quem procurava o Bispo não se admirava de encontrar a alma de um padre desdobrada em bondade, mas o espirito vivo, álerta, illuminado por clarões de uma memoria inapagavel, ductil, malleavel, penetrante, que nada desconhecia. E muitas vezes acontecia que era tomado com proposito da bondade o que era apenas licção dictada por um experimentado conhecimento dos homens e das coisas!

D'uma vez, tratava-se de lançar determinada obra no meio da cidade.

—O Porto é teimosamente aferrado ao preconceito *liberal*. Não a acceita, vão vêr! dizia um dos presentes.

D. Antonio sorriu.

—Não se assustem, não se assustem com o Porto... O Porto é um bom homem. Tem horas de máu humor, mas passam. A nossa obra, acceita-la-ha. E acceitou-a... da mão do

Bispo Barroso, que elle não queria maguar e de cujas intenções acabou por se convencer.

Na determinação da acção politica dos catholicos, D. Antonio Barroso revelou-se-me sempre, nos frequentes conselhos que me dava, um grande *conductor*. Então me foi dado verificar quantos injustamente o apodaram de transigente. O Bispo era, nas suas convicções e na defeza dos principios, de uma rijeza de bronze!—*Poupar os homens, condemnar os erros, mas a valer!* dizia-me elle muitas vezes. As campanhas em prol do Centro Catholico, as mais vivas, as mais encruçadas de controversias, as que mais desgostos vincáram nas nossas almas de combatentes tem os rectos sulcos fundos do seu arado...

As suas recordações esclareciam-nos muitas e muitas vezes no caminho a trilhar, e ensinaram-nos a medir os homens de destaque pelo seu justo valor, a apreciar a sua *psychologia*... E o seu patriotismo? Nunca me senti vibrar tanto como ao ouvir-lhe fallar da sua patria. Era todo o seu sacrificio por ella que nos contagiava, fazendo-nos pequenos, ante a sua elevação.

Recordam-se os leitores d'aquellas duas phrases, que aqui reproduzi, quando um jornal da Africa do Sul ameaçava Moçambique e Angola, já depois de rebentar a guerra, de uma absorpção violenta?

Uma tarde, a um amigo, mostrei-me receoso de que o governo não permittisse a ida de capellães militares catholicos para a França, com o C. E. P.

—Não tenhas receio. Venho de Sacaes. Ao emittir tambem ao sr. D. Antonio as minhas duvidas a tal respeito, o Bispo teve uns momentos de silencio, e voltando-se para mim, disse:—'Ha um remedio supremo que obrigará o governo a não denegar tal permissão'. E escoados mais uns minutos rematou: 'Nenhum governo em Portugal é capaz de negar ao Missionario Barroso a honra de ir morrer com os soldados do seu paiz!'

Era assim o Bispo. A grandeza altiva e nobilissima da sua resposta a Bernardino Machado e a Alexandre Braga, ha poucos mezes ainda, resposta que desarmou a perfidia do primeiro e fez cahir na lama a penna com que o segundo lavrou o decreto de expulsão!

Era assim o Bispo... E a sua morte tem alguma coisa de esmagador para as nossas almas tibias, e ha-de ficar sempre como uma visão superiormente bella de mystica commoção a adoçar a nossa saúde, junto da cadeira onde elle nunca mais virá sentar-se.— F. V.



Por J. de Faria Machado.



ultima vez que tive a honra de falar com o prelado illustre, que ora dorme, com Deus, o somno eterno, foi ha dias, na *gare* de S. Bento, por occasião da viagem de Mons. Ragonesi, quando o grande apostolo seguia para o Minho, com aquelle diplomata pontificio. Foram palavras rapidas, fugidias, mas onde não faltou o carinho simples com que D. Antonio Barroso cultivava as suas relações com o mesmo inveterado amor, com que jardinava as suas flores, no seu pequeno horto de missionario humilde. Notei, então, que a sua figura golpharda de minhoto, perdêra o vigor e corcovava n'um pre-nuncio triste de canção, que a sua existencia vergava como o seu dorso, e que no arrastado dos passos marcava-se bem, a resignação santa d'uma vida que se arrastava, que se despedia serena, contente do dever cumprido.

D. Antonio envelhecera de repente, quebrara-se, perdera o vigor que sacudia sempre aquelle corpo forte, habituado a lutar como forma d'uma alma, que só soubêra, vencer e só o olhar scintillava n'um clarão vivo como sempre, accendido d'entusiasmos e d esperanças, unico e desgarrado resto d'esse que fôra um forte e bizarro minhoto, affirmando energia e valor, semeando bondade e carinho. — um corpo de latagão que as vestes episcopaes atenuavam, dando uma grave, serena postura. Entretanto, D. Antonio Barroso foi sempre, como principe da Igreja o mesmo inveterado e humilde missionario, que nos confins do mundo soube honrar a sua terra, semeando, esclarecendo, a palavra de Deus. O baculo de oiro jámais lhe pesou, porque o soube honrar, porque o soube erguer, e tão alto, que nas suas mãos illuminava como um facho, scintillava como um clarão; não foi o seu symbolo de poder — foi o seu bordão d'apostolo, porque a sua existencia foi sempre a vida serena e humilde do missionario. Não o deslumbrou a grandeza, não o fascinou o poder. Pastoreando Meliapor, onde hoje está a alma generosa e bôa de um grande santo, pastoreando o Porto — e

## D. Antonio Barroso

Deus sabe se n'uma quadra agitada e má como esta que vivemos, mais fresmalhado andava, o rebanho, que la longe no redil gentio, — o prelado insigne foi sempre o mesmo P.<sup>o</sup> Barroso, o mesmo santo missionario, que pelos sertões da Africa longinqua, andou espalhando a fê de Christo e a crença da patria, prégou a palavra divina e o amor da terra portugueza.

Mas a sua humildade tambem soube converter-se em nobre orgulho no momento em que a republica o enxovalhou e perseguiu, e se resignadamente deixou que o esbulhassem de seus bens e haveres, no dia em que ousaram intrometter-se nos seus poderes episcopaes sacudiu a affronta com uma galhardia que honra uma raça, com um desassombro que o levou ao banco dos reus e ao exilio.

Ha-de um dia, quando as paixões se apagarem e com ellas se extinguir, para sempre, este brazeiro d'odios em que vivemos, fazer-se a historia d'essa vida abnegada de sacrificios e, então, não se poderá esquecer tambem a obra anonyma mas sublime de tantissimos ministros de Deus, que trocaram a commodidade dos seus beneficios, a paz das suas casas, por uma existencia incerta d'apostolado e de lucta. Ha-de ver-se do que tem valido, para continuidade da tradição portugueza, a obra patriótica d'esses padres, a obra das ordens religiosas que são hoje o unico tropeço á campanha de desnacionalisação feito em Africa pelos ministros d'um protestantismo que a republica protegeu e protege, como um accinte cobarde jogado á consciencia catholica do paiz. E no dia em que se fizer essa rehabilitação necessaria nós teremos prestado á memoria do missionario illustre, se não a mais commovida homenagem, pelo menos a commemoração que mais lisongieie a sua alma, que mais agrade á sua simples e serena humildade d'apostolo.

Que descanse em paz o grande Bispo e que a sua alma, que outr'ora tanto se esforçou por manter a tradiçãõ da patria, junto de Deus suplique pelos destinos d'esta bôa e desgraçada terra de Portugal.



DE FREY G'IL DA SOLEDADE,  
BORESSO DA FALPERRA.

LIII

## Notas narigaes.

Soneto CLX



«O me refiro às notas de musica de que o nariz é capaz; isso faremos quando se tratar do nariz na musica. Notas, aqui, são notas insonoras, *annotações*, visto que duram as ferias e estou ainda — e estarei mais algumas semanas — longe dos meus queridos livros. Para não interromper os serões, nem largar sequer o nariz, ponho aqui algumas notas soltas, que depois, quando a monographia do nariz sair em volume, irão nos lugares competentes.

No *Dictionnaire Universel des Idées*, de Ernst, II vol. pag. 341, lê-se: «As raças melhores, os grêgos, os romanos, tinham enormes narizes: Homero, Lycurgo e Solon foram notaveis pelo comprimento dos seus narizes. Numa ainda mais: o seu nariz foi o maior nariz conhecido, d'onde o sobrenome de *pompilius* (superlativo). Tarquinio (qual?) foi o unico que teve o nariz pequenissimo; Tito Livio, Ovidio, Carlos Borromeu, tiveram grandes narizes, etc.» O resto entrará na devida altura. Aqui apenas confessarei que nunca vi em autor digno de fé aquella referencia á extraordinaria magnitude do nariz de Numa, e á significação do seu appellido.

Num livrinho em latim publicado em Amsterdão, em 1770, ha dois opusculos sobre *Os segredos da natureza*, e contém varias especies que o estudioso nasographo aproveitará para a obra sobre o nariz. Não as utilizo, assim como desprezo uns versos do seculo XVIII que vem no livro manuscrito *Mimo de Curiosos*, já citado nestes serões, porque tanto naquelle como neste nem sempre se respeita a decencia. Do livrinho de Amsterdão, que se attribue a Alberto Magno e Miguel Scofo *rerum naturae perscrutatores*, são sobretudo interessantes, por confirmarem os versos do manuscrito, e uma crença espalhada por toda a Europa, as observações feitas a pag. 244 e 245 — de que nem o latim citare, porque se em França

le latin dans les mots brave l'honnêteté

não succede cá outro tanto. Sobre a psychologia do nariz vejamos lá tambem os capitulos *De naso*, pag. 283 e *De naribus*, pag. 285. A pag. 245 tambem se lê: «*Cognoscitur enim omnis juvenis de virginitate et corruptione per multa signa, uterque ad pirulam nasi, quia manente virginitate cartilago pirulae nasi sentitur indivisa.*» E basta de taes assumptos, que em se lhe mexendo o menos que offendem é o nariz.

Antes que me esqueça; no capitulo *Il naso*, com que incie estes artigos, e que traduzi do italiano, do livrinho *Et ab hic et ab hoe*, de Americo Scarlatti, anagramma de Carlo Mascaretti, ha longos trechos traduzidos litteralmente do Larousse, sem citação, como o leitor poderá verificar. Falperrista, sou eu, mas não trouxe lá da serra esse feio vicio de roubar. Quando copio, cito. Estes abundantissimos materiaes para a monographia do nariz são o fructo das minhas horas de recreio, depois de trabalhos sérios e extenuantes. E ainda temos muito que fallar do nariz; mas dando sempre o seu a seu dono... e não fazendo como o sr. Scarlatti.

Assim, iremos buscar a outro Scarlatti, antigo, ao autor do *Homo symbolicus*, grosso volume em latim, as interessantissimas locubrções que nos dá sobre narizes — o symbolismo do nariz.

E aqui agradeço ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. dr. Pereira de Magalhães o soneto que me enviou, e que por não tratar *expofesso* do nariz vae já aqui, em vez de figurar na *Selecta internacional do nariz*, que adeante se verá. Diz a nota que o acompanha:

«Quando o mulherio appareceu de chap:us muito bidos, que lhe não deixavam ver os narizes, então appareceu tambem este

Ahi vem... Quem será esta cachopa,  
Que entre os demais balheiros que arregaça,  
Co' um telheiro nas ventas por neçaça  
Vem com secia assombrando a toda a Europa.

Chapeu de bico equal, de maior copa,  
Nem fundido se faz; a malronaça  
Inda vista de perto induz caraça  
Que a nariz hollandês governa a pôps.

Eu quantos vejo assim ponho em parellas;  
Que em rancho de mulheres mascarado,  
Tanto inculcam as novas como as velhas.

Mas o que isto ha-de ser tenho assentado:  
Ou sarampo que deu nas sobrançellas  
Ou nariz torto, ou olho remelado.

O soneto é lirado das *Poesias joviaes e satyricas de Antonio Lobo de Carvalho*, colligidas e pela primeira vez impressas em Cadiz, 1852. Ao bom amigo, dr. Magalhães, os meus agradecimentos.

Eu não vou fóra da inferencia do poeta. E ainda que mal compita a frade velho emittir opinião sobre a belleza feminina — *tractent fabrilis fabri!* — tenho que o nariz correcto é elemento primacial nas beldades. Acudam me os legiladores egypcios já recordados.

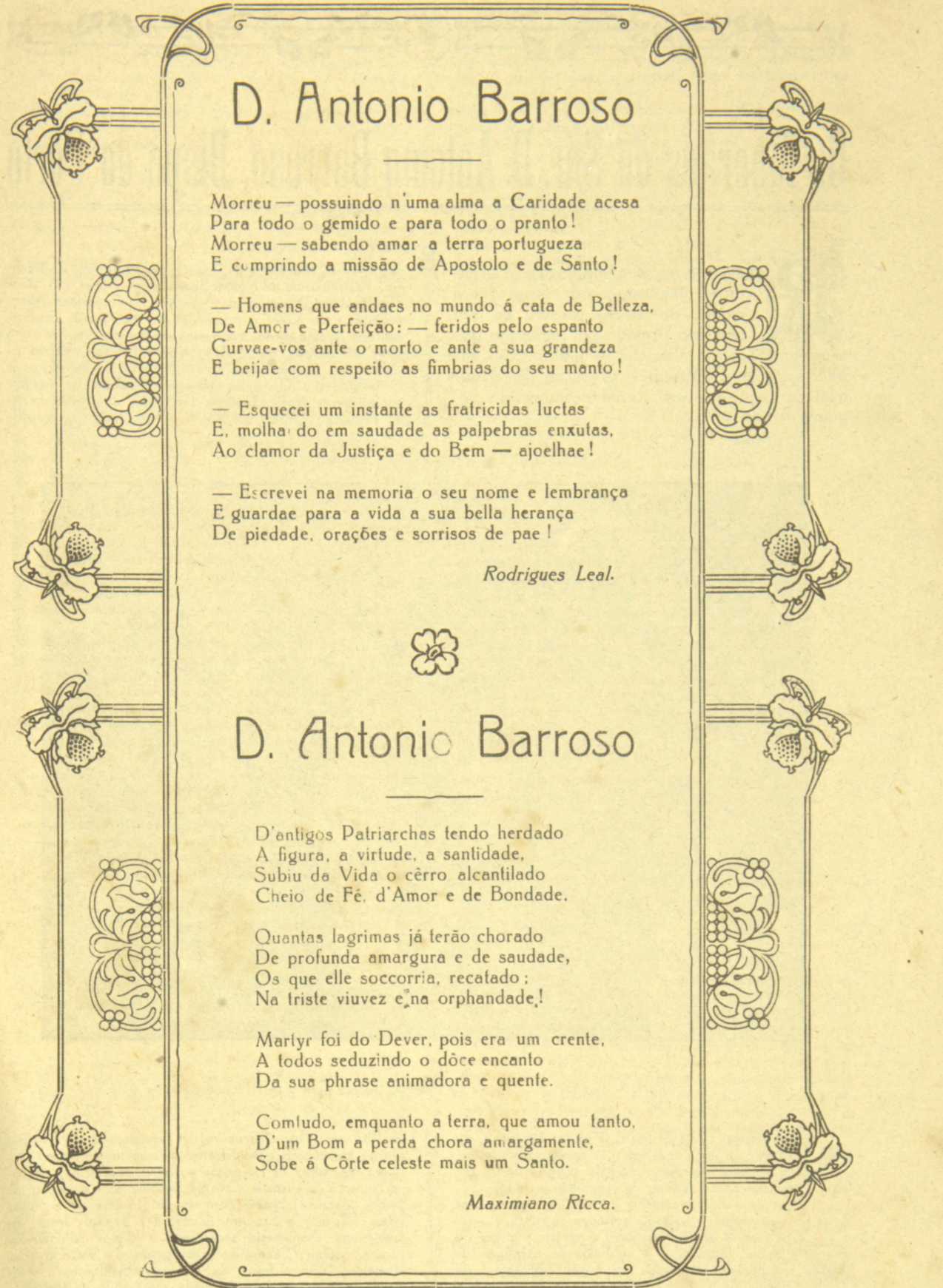
«As leis egypcias, escreve F. Lenormant, (*Histoire Ancienne de l'Orient*, III vol. pag. 47) tiveram em todo o mundo antigo grande reputação de sabedoria.

Apontam-nas como baseadas sobre altissima concepção da moral, e sobre um sentimento justo e pratico das necessidades da ordem social.» Ora essas leis, como já sabemos, punia n, no adulterio sem violencia, o homem com mil cacetadas e a mulher com o corte do nariz, porque, nota Lenormant «A legislação queria que fosse *privada dos seus attractivos*, que só usara para a seducção. (pag. 47).

Formidavel atractivo é o nariz da mulher! O nariz d'uma egypciana, a famosa Cleopatra, attraheu de tal modo a Antonio, que forceu o curso da historia universal. Razão tinham os eremitas egypcianos para se internarem nas solidões da Thebaida, vivendo em asperrimas penitencias como de Santo Antonio abbae narra S. Jeronymo, na *Vita Pauli Eremitae*. O qual S. Jeronymo, a certo rábula narigudo — e mais era homem — dava-lhe de conselho que se queria parecer bonito e eloquente escondesse o nariz e se calasse: *Dabo tamen consilium, quibus absconditis possis pulchrior apparere. Nasus non videatur in facie: Sermo non sonet ad loquendam: atque ita et formosus et disertus videri poteris.* (Nas *Epistolae Selectae*, por obra de Pedro Canisio, Napoles, 1771, pag. 46.)

Compreende se agora o despeito da actual imperatriz da Allemanha contra o dr. Lenthold. O anno passado appareceu uma caricatura da imperatriz com o nariz muito vermelho. Esta vermelhidão tem uma historia que o *Cri de Paris* contou e é a seguinte:

Um dia a imperatriz notou que o seu orgão olfactivo tomava uma côr inquietant. Consultou o medico da corte, dr. Lenthold, que lhe disse não ter o caso gravidade, mas que S. Magestade devia d'ali em deante observar as prescripções seguintes: renunciar a trazer sapatos e espartilhos muito apertados; moderar o appetite (que é impressionante!) fugir das occasiões de se irritar, e usar certas loções, uma das quaes a base de pepino. Ora o pobre do medico, ignaro das habilidades da côrte, e talvez influenciado por alguma dama de honor, tinha precisamente ferido os pontos mais sensiveis da alma da imperatriz. E não tardou a sentir o effeito: foi-lhe negada a particula nobiliarchica que n'aquelle anno devia receber. Só sete annos mais tarde lhe foi concedido o appetecidissimo *von!*



## D. Antonio Barroso

---

Morreu — possuindo n'uma alma a Caridade acesa  
Para todo o gemido e para todo o pranto!  
Morreu — sabendo amar a terra portugueza  
E cumprindo a missão de Apostolo e de Santo!

— Homens que andaes no mundo á cata de Belleza,  
De Amor e Perfeição: — feridos pelo espanto  
Curvae-vos ante o morto e ante a sua grandeza  
E beijae com respeito as fimbrias do seu manto!

— Esquecei um instante as fraticidas luctas  
E, molha do em saudade as palpebras enxutas,  
Ao clamor da Justiça e do Bem — ajoelhae!

— Escrevei na memoria o seu nome e lembrança  
E guardae para a vida a sua bella herança  
De piedade, orações e sorrisos de pae!

*Rodrigues Leal.*



## D. Antonio Barroso

---

D'antigos Patriarchas tendo herdado  
A figura, a virtude, a santidade,  
Subiu da Vida o cêrro alcantilado  
Cheio de Fé, d'Amor e de Bondade.

Quantas lagrimas já terão chorado  
De profunda amargura e de saudade,  
Os que elle soccorria, recatado;  
Na triste viuvez e na orphandade!

Martyr foi do Dever, pois era um crente,  
A todos seduzindo o dôce encanto  
Da sua phrase animadora e quente.

Comtudo, enquanto a terra, que amou tanto,  
D'um Bom a perda chora amargamente,  
Sobe á Côrte celeste mais um Santo.

*Maximiano Ricca.*

# Os funeraes do Snr. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto

**R**EVESTIU a maxima imponencia a grandiosa manifestação de pesar que a cidade do Porto prestou ao seu saudoso Prelado por occasião dos seus funeraes. A «Illustração Catholica» publica a seguir diferentes gravuras do imponente cortejo que um jornal descreve da seguinte forma:

samparados, educandos da Associação Protectora da Infancia, R. collimento de Nossa Senhora das Dôres e S. José das Meninas Desamparadas, Asylos das Raparigas Abandonadas e de Villar e internados do instituto de Surdos-Mudos Araujo Porto; confrarias do Senhor dos Passos e Cruz de Christo, de S. João Novo; Nossa Senhora da Conceição, da Victoria; Nossa Senhora do Rosario, de Cedofeita; Irmandade das Almas de S. José das Taipas, confrarias de Nossa Senhora da Saude, da capella da rua do Heroismo; S. Chrispim e S. Chrispiniano, da capella



Porto — A condução da urna do Paço de Sacaes para o carro funebre.

«A's primeiras horas da tarde, já na rua Ferreira Cardoso, em frente ao Paço de Sacaes, se accumulavam numerosissimas pessoas, atrahidas alli pela curiosidade de assistir á trasladação do cadaver do venerando prelado.

Forças de policia confinam a custo a enorme massa de povo, que em fila se estendia ao longo da rua.

Cerca das 4 horas formou-se o cortejo funebre, o qual era assim constituído: 4 soldados de cavallaria da guarda republicana, internados do Asylo Profissional do Terço, Officina de S. José e Seminario dos Meninos De-

da Boavista; Nossa Senhora do Rosario, de Lordello do Ouro; comissão administrativa da capella de Nossa Senhora dos Anjos, de Lordello do Ouro; confrarias de Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Conceição, de Santo Ildefonso; Nossa Senhora do Rosario, de S. João Novo; Senhor e Senhora da Hora e Senhor Jesus, de Campanhã; Santissimo Sacramento e escolas da confraria de S. Nicolau; Santissimo Sacramento da Victoria e de Ramalde; Senhor Jesus, da Boavista; Santissimo Sacramento de Miragayá e de Cedofeita; do Senhor do Calvario,



da Ramada Alta; Santissimo Sacramento do Bomfim e de Paranhos e devoção do Santissimo Sacramento da Sé, todas precedidas de cruces e cirias; Circulo Catholico de Operarios do Porto, Grupo de Defeza e Propaganda Catholica, Associação Nun'Alvares dos Jovens Catholicos Portuenses, Centro de Democracia Christã, Grupo dos Amigos de Santo Antonio e Grupo de Estudos Sociaes, anexo ao Circulo Catholico de Operarios; fazendo se todas estas agremiações acompanhar de bandeiras.

Seguiam-se os alumnos e professores do Seminario, familiares do prelado clero da diocese, parochos da cidade e de diferentes freguezias limitrophes, camara ecclesiastica, auditorio ecclesiastico, cabido; rev. conego Joaquim Martins Pontes, secretario particular do patriarcha de Lisboa, representando o; rev. conego Thomaz Fernandes Pinto, secretario particular do rev.<sup>mo</sup> bispo de Coimbra, que tam-

Viam-se depois os snrs. general-commandante da 3.<sup>a</sup> divisão militar Macedo e Brito, que tambem representava o snr. dr. Sidonio Paes, e os ajudantes d'aquelle militar; governador civil do districto e varios empregados superiores do governo civil; presidente, alguns vereadores e empregados superiores da camara municipal, inspector e sub-inspectores de policia, commandantes e muitos officiaes da guarnição e da guarda republicana, professorado da Universidade e de outros estabelecimentos de ensino superior, senadores, deputados, consules da Dinamarca, Grecia e Panamá, mezarios da Santa Casa da Misericordia, Ordens do Carmo, de S. Francisco e da Trindade, Irmandades do Terço e da Lapa, ostentando todos as respectivas insignias; membros da Liga Nacional Monarchica do Porto, uma deputação da Sociedade da Cruz Vermelha, direcções e outros membros da Associação Commercial, Centro Commercial, Associação Industrial Portuense, Liga Agraria do Nor-



Porto — A sahida do feretro do Paço de Secaes.

bem o representava; rev. Nestor Sersim Gomes, representando o rev.<sup>mo</sup> bispo de Beja; e rev. conego dr. Antonio Joaquim Pereira, que representava o encarregado dos negocios da nunciatura em Portugal.

Tomavam depois logar no cortejo os revs. Abilio Cardoso Pinto da Cunha, que conduzia a cruz peitoral; Joaquim Pereira da Rocha, as condecorações, que constam das gran-cruzes de Christo e de Nossa Senhora da Conceição; Gaspar Joaquim de Freitas, a mitra; e Sebastião Braz, o chapéu episcopal.

Após seguia o landau tirado a uma pãrelha, conduzindo o cadaver do exc.<sup>mo</sup> snr. D. Antonio Barroso, encerrado n'uma riquissima urna de mogno, estylo imperio, e coberto com um panno bordado a ouro e prata. Era ladeado por uma deputação de bombeiros voluntarios e seis palafreiros conduzindo brandões. O landau achava-se ornamentado de sede róx e bronca.

te, Associação dos Comerciantes do Porto, Commercial dos Lojista do Porto, Commercio e Industria, Proprietarios e Agricultores do Norte de Portugal, Protectora dos Animaes, e Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, representantes de varias agremiações religiosas, de instrucção e de recreio, empregados superiores dos caminhos de ferro do Minho e Douro, representantes de algumas juntas de parochia, varios ecclesiasticos, uma deputação de bombeiros voluntarios de Barcellos, directores de Bancos e Companhias, commerciantes, industriaes, juizes, delegados e escrivães dos tribunaes civeis e criminaes, professores de ensino primario, e muitas outras pessoas de representação social. Fechava o cortejo tres soldados de cavallaria da guarda republicana.

Organisaram e dirigiam o cortejo os revs. Julio Albino Ferreira e Arthur Pinheiro e o snr. dr. Eugenio Pimentel. O cortejo percorreu as ruas Ferreira Cardoso, Avenida Rodrigues de Freitas, ruas do Duque de Loulé, Alexandre

Herculano e Batalha, rua Saraiva de Carvalho e largo da Sé, sendo a concorrência numerosíssima. A policia era feita por muitos guardas civis, que por vezes se tornavam impotentes para conter o povo. No jardim de S. Lazaro e outros pontos tambem era grande a affluencia de povo.

Algumas janellas e varandas estavam revestidas de crépes.

A' passagem do cortejo na Batalha, os sinos da capella alli existentes dobraram a finados.

Durante o trajecto varios ecclesiasticos entoavam o «Miserere».

Fizeram-se representar no funeral; os rev.<sup>m.s</sup> bispos de Evora e do Algarve, pelo deão rev. dr. Theophilo Salomão; o rev.<sup>mo</sup> bispo da Guarda, pelo rev. conego dr. José Antonio Pereira; o rev.<sup>mo</sup> bispo de Lamego, pelo rev. conego Victor de Oliveira; a camara municipal, clero e as

A' porta d'aquelle templo era o cadaver aguardado pelo cabido, parochos e demais ecclesiasticos que tomaram parte no cortejo.

A urna foi depois conduzida por alguns bombeiros voluntarios do Porto para a capella-mor, onde se encontrava um soberbo sarcop.<sup>ago</sup>, e collocada sobre uma eça de talha dourada, rodeada de serpentinas e pedestaes dourados.

N'essa occasião, o cabido e capellães do côro cantaram o «Subvenite».

Deposto o cadaver sobre a eça, deu-se começo ás Vesperas se Matinas de defuntos, presididas pelo Deão rev. dr. Theophilo Salomão, revestido de capa de asperges, com a assistencia do cabido, representantes dos diferentes prelados, parochos da diocese e outros ecclesiasticos.



Porto — As irmandades e confrarias no cortejo.

associações locais de Barcellos, pelo rev. Gaspar Joaquim de Freitas; o governador civil de Villa Real, pelo governador civil d'este districto; o governador civil de Bragança, pelo snr. dr. Julio Araujo; o snr. conde de S. Salvador de Matosinhos, pelo snr. José Augusto da Silva Ribeiro, vice-consul do Brazil; a Assistencia Nacional aos Tuberculosos do Porto, de que o exc.<sup>mo</sup> snr. D. Antonio Barroso foi fundador e presidente, pelo snr. conde de Lambrães; a Tuna-orchestra dos Empregados de Commercio do Porto, pelo snr. João Silva; o snr. dr. Oliveira Lima, amigo dedicado do venerando prelado, pelo snr. Carlos Guerreiro; e o snr. Pina Calado, pelo snr. Alipio Moutinho.

No largo da Sé tornou-se difficil a passagem do cortejo, tal era a accumulção de povo.

Cerca das 5 horas da tarde chegou o cortejo á Sé Cathedral, onde a guarda de honra era feita por uma força de infantaria da guarda republicana.

Nas cadeiras dos conegos tomaram logar os representantes do exc.<sup>mo</sup> cardeal patriarcha, rev.<sup>mos</sup> bispo de Coimbra e de Beja, e bem assim o snr. visconde de S. João da Pesqueira, cavalleiro de Christo, a maior dignidade conferida pela Santa Sé e pela qual tem as honras de principe. A egreja achava-se repleta de assistentes.

O altar-mór estava descerrado e illuminado.

Ao centro da capella-mór destacava-se um docel franjado a branco e no arco cruzeiro e na nave central viam-se vélas de crépes. Os altares lateraes tem cortinados de veludos franjados a branco.

O cadaver do exc.<sup>mo</sup> snr. D. Antonio Barroso, findas aquellas ceremonias, ficou vellado por bombeiros voluntarios, d'esta cidade, e socios do Circulo Catholico de Operarios, os quaes se conservaram alli até ás 10 horas da manhã de hoje, hora até que estará exposto o cadaver do exc.<sup>mo</sup> snr. D. Antonio Barroso.



O clero no cortejo.



O cabido



O rev. Vigário Capitular, presidindo ao funeral.



Os familiares do saudoso Prelado conduzindo as insignias episcopales.



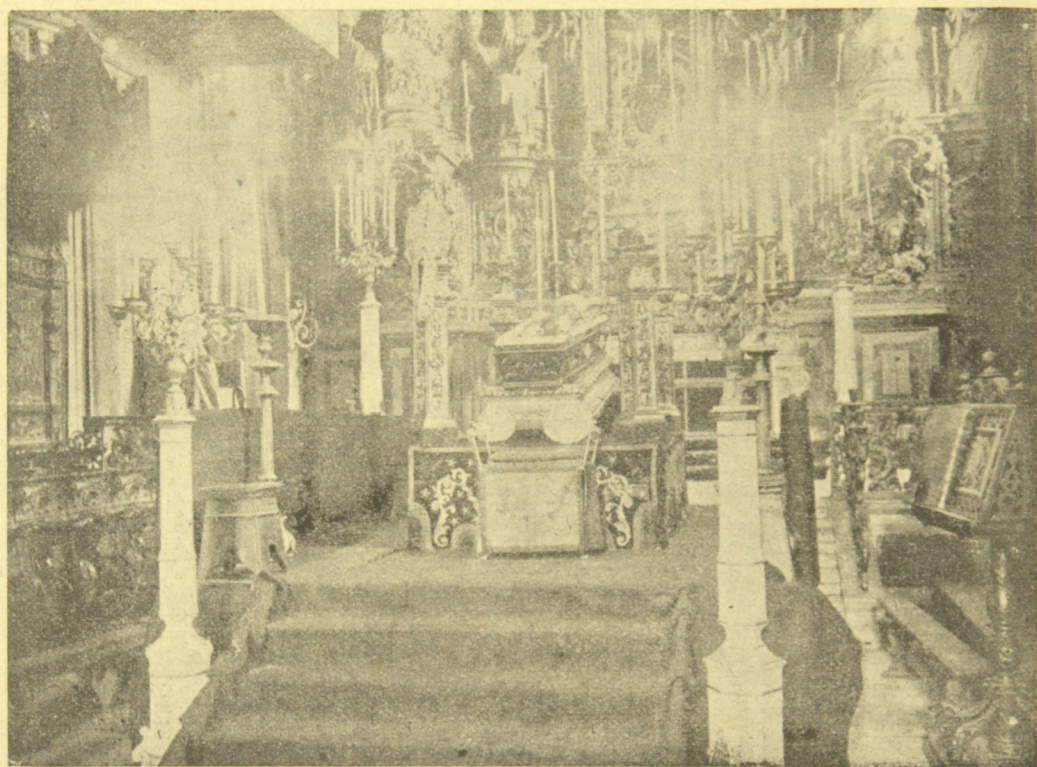
O carro funebre



Autoridades e representantes de diversas entidades que seguiam no cortejo.



O cortejo fúnebre passando na Avenida Rodrigues de Freitas.



Na Sé — O snr. D. Antonio Barroso na ceca,  
(Clichés do nosso corresp. phot. J. d'Azevedo).

## BARCELLOS — A trasladação do Snr. D. Antonio Barroso



O povo esperando, á porta da matriz de Barcellos, a sahida do cadaver de D. Antonio Barroso.

Na estação de Barcellos esperavam o cadaver do eminente Prelado auctoridades civis, militares e judiciaes, representantes de todas as agremiações catholicas, negociantes, industriaes e uma multidão enorme de povo.

Refirado o feretro do *fourgon* pelos bombeiros voluntarios do Porto e collocado n'uma carreta dos bombeiros de Barcellos formou-se o cortejo indo á frente todas as irmandades e confrarias de Barcellos, as agremiações catholicas com seus estandartes e todo o clero sob a presidencia do rev. conego dr. Antonio Joaquim Pereira. Chegado o cortejo á matriz, que estava artisticamente decorada, realisaram se os officios funebres sendo depois feita a condução para Remelhe, freguezia da naturalidade do senhor bispo D. Antonio Barroso onde ficou sepultado em jazigo de familia.



O cortejo funebre sahindo da matriz.

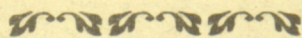


Outro aspecto do cortejo a caminho de Remelhe.

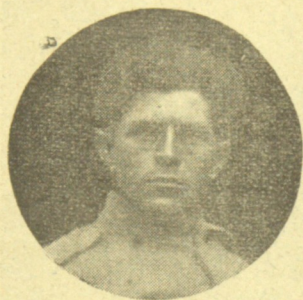
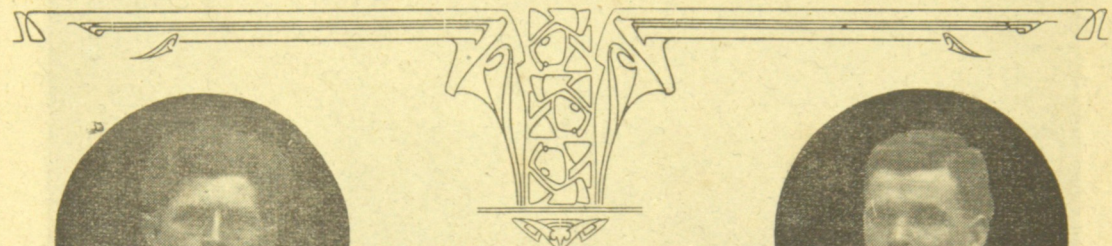
(Clichés de A. Soucasaux).



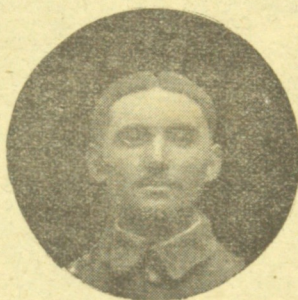
Um aspecto da imponentíssima procissão vendo-se o andor da Virgem dos Navegantes voltado para o mar.



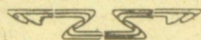
## Portuguezes na guerra



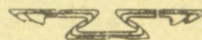
José Loureiro  
soldado de infantaria 13, ferido  
em março, tendo tomado parte  
no combate de 9 d'Abril.



Alexandre Monteiro  
soldado do 32, de Penafiel, tomou  
parte no combate de 9 d'abril  
contra os allemães.



Antonio Moreira dos Reis,  
soldado do 32, de Penafiel, ferido  
no combate de 9 d'Abril  
em França.



Todos estes tres bravos soldados residiam na freguezia de S. Martinho d'Alliviada, Marco de Canavezes.





Secção de metralhadoras prontas a entrar em fogo.



Um destacamento de infantaria inglesa comendo o rancho n'uma povoação do norte da França.

# Anedotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos

### O Trovador

Quando o illustre Verdi estava compondo *O Trovador* recebeu a visita d'um seu amigo, que era tambem um grande critico musical. Verdi tocou ao piano o côro dos zingaros e ao fim perguntou ao critico:

— Que tal?

— Muito mal. Respondeu o critico.

Verdi sorri e tocou outro trecho.

— E agora?

— Muito mal.

Verdi levantou-se e abraçou o amigo, que lhe perguntou admirado:

— Que significa isto?

— Amigo, compuz uma opera popular para agradar a toda a gente menos aos grandes criticos. Tu asseguras-me o exito da opera dizendo que te desagrada. Dentro em trez mezes *O Trovador* será tocado em todos os pianos da Italia.

E Verdi foi propheta.

### Responder á letra

Madame de Cornuel foi no tempo de madame de Sevigné senhora de respostas espirituosas. Madame de Saint-Loup visitou-a um dia e, apoz uma hora de conversa, disse-lhe:

— Estou vendo como se enganaram os que me disseram que a senhora tinha feito loucuras, perdera a cabeça!

— Veja, replicou madame de Cornuel, o credito que meressem taes noticias. Pois não me disseram que a senhora havia retomado a sua!

### Verdadeiro amor

Roberto, filho de Guilherme, o Conquistador, foi ferido por uma seta envenenada. Os medicos disseram-lhe que morreria infallivelmente a menos que algum sorver-se o sangue da ferida.

— Morrerei, disse Roberto, porque não devo sacrificar ninguem.

Sua mulher deixou que elle adormecesse sorveu-lhe a ferida, salvando-lhe a vida.

### A tragica Rachel

Quando da guerra da Crimeia estava representando em S. Petersburgo a celebre tragica Rachel. Na vespera da illustre franceza se retirar para a sua patria, muitos admiradores, e entre elles militares e diplomatas, offerceram-lhe um banquete. Um militar russo ergueu a sua taça e disse:

— Até á vista, senhora. Esperamos em breve aplaudi-la em Paris e ahi beberemos á vossa saude o bello *champagne*.

— Senhores, respondeu Rachel, França não é bastante rica para que possa pagar *champagne* a todos os seus prisioneiros.

### Segredos das mulheres

Maria de Médicis perguntou a Tavaunes como se podiam saber os segredos da rainha de Navarra. Tavaunes aconselhou assim:

— Fazei, senhora, com que ella se encoloris e tereis os segredos d'ella e ella nunca os vossos.



— Apre, seu estúpido! que se eu não tivesse vindo para esta terra, você era o maior burro que cá havia!...

# LIVRARIA CRUZ

## BRAGA

Telephone n.º 29      Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

**Casa fundada em 1888**

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

# Vago

*Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:  
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoão de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

**Manuel da Conceição Rocha**  
Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA.

## Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa  
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de bap̄tismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

*Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos 'Echos do Minho', e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**